



BRUNO, SÍMBOLO DA INTELIGÊNCIA PARAENSE*

Maria Annunciada Chaves

Bruno de Menezes ocupa na Literatura Paraense um lugar privilegiado. Produto do próprio esforço, que o conduziu de proletário anônimo a escritor consagrado, dirigiu, entre nós, a corrente modernista, iniciada em São Paulo, com a famosa Semana de Arte Moderna cujo septuagésimo aniversário se comemorou, há pouco, em todo o país, com merecido realce.

Em setembro de 1923, fundou a revista “Belém Nova”, veículo, no extremo Norte, do movimento renovador das nossas letras, aplaudido por uns, combatido por outros, mas na verdade, insuflador de um sopro novo na intelectualidade brasileira. Nesse quinzenário publicou o *Bailado Lunar*, que o consagrou chefe, no Pará, da tão discutida corrente artística e abriu caminho para outras produções, que lhe garantiram posição especial na poesia regional.

A glória poética de Bruno ofuscou o talento do prosador, revelado em crônicas, críticas e artigos diversos publicados em revistas e jornais de Belém, desde o início de sua atividade no campo literário. Mais tarde, dominando com desenvoltura a língua, escreveu obras de maior porte, acentuadamente realistas: uma novela - Maria Dagmar - um romance - Candunga - ambos

* Texto integral já publicado na apresentação de *Obras Completas de Bruno de Menezes*, publicadas pelo Governo do Estado do Pará em co-edição com a Editora Cejnp em edição especial da Série *Lendo o Pará*.

Depreende-se daí que Bruno baseou sua novela em fatos reais, vazados em estilo naturalista, dando-lhe, ao mesmo tempo, um enfoque universal, em face da amplitude e importância do tema da prostituição no panorama da sociedade contemporânea. Defende ele a tese de que são as dificuldades econômicas, principalmente, que impelem a mulher para essa senda tortuosa, que só a melhor distribuição da riqueza no mundo poderá corrigir.

Como bem afirma no fecho da novela, *Maria Dagmar*, é um símbolo...”, símbolo mesclado de realismo na observação e de arte na expressão, com que o novelista realça um grave e velho problema que tem atravessado os séculos e empana a civilização de que tanto se orgulha o homem hodierno”.

Quase desconhecida atualmente, devido ao esgotamento rápido de sua única edição, *Maria Dagmar* reclamava um renascimento, para que um número maior de leitores pudesse admirar-lhe a beleza do estilo, a veracidade da trama, a sutil mensagem educativa que encerra.

Candunga, publicado em 1954, nas oficinas gráficas de José Hermógenes Barra, que tantos serviços prestou à cultura paraense em sua modesta tipografia, é um romance regional, o único saído da pena de Bruno, que retrata “cenas das migrações nordestinas da zona bragantina”, como se lê no subtítulo da própria obra.

Com esse trabalho, o admirável poeta de *Lua Sonâmbula* consolidou sua condição de exímio prosador, dotado de estilo vivo e gosto apurado, o que lhe valeu a conquista do prêmio “José Veríssimo”, instituído pelo Governo do Estado, em virtude da lei nº 501, de 27 de julho de 1952, da autoria do saudoso cineasta Líbero Luxardo, então deputado estadual.

Abordando o doloroso e sempre atual drama das secas nordestinas e o êxodo de inúmeras de suas vítimas para a região bragantina, o cantor de *Batuque* reafirma o seu porte intelectual com um excelente estudo econômico e social do fenômeno cíclico que tanto maltrata o Nordeste. Tangido de sua terra pelas impiedosas alternativas climatéricas, o sertanejo buscava, em grande parte, a Amazônia, localizando-se, não raro, em território paraense, na faixa beneficiada pela velha e saudosa estrada de ferro de Bragança.

Candunga, o herói do romance, é um personagem palpitante de vida, em torno do qual giram as atribuições de uma família de retirantes cearenses. Rude e corajoso, repleto de nobres sentimentos, encarna a rusticidade sertaneja, escondendo a doçura do coração sob camadas de revolta e sofrimento que a dureza da vida lhe opõe.

As demais figuras que completam o painel, desde a terna Assunção até a ruidosa Chica Sem Medo, movem-se, com extremo desembaraço, nessa paisagem realista. Não é possível deixar de mencionar neste breve resumo, o agrônomo Romário, idealista e sonhador, permanentemente revoltado contra as injustiças humanas, aspirando por um mundo melhor para os homens de bem e ansioso por enormes cadeias para castigar os patifes.

Devido à variedade de tipos que enriquece o romance, pensou o autor, primeiro, em dar-lhe o título mais amplo de *Flagelados*, mudando, logo depois, para *Candunga*, que melhor caracteriza a obra, personificada no perfil extraordinário do jovem retirante, rústico e sensível.

Funcionário categorizado do Serviço de Agricultura do Estado pôde o romancista acompanhar *in loco* o drama dos refugiados nordestinos no vale do Caeté, traçando, com seu talento inato e agudo senso de observação, um vigoroso quadro de um dos aspectos mais dolorosos da colonização da Amazônia.

Todavia, emocionado por tanto sacrifício e tanto sofrimento, encerra as páginas do seu livro com um grito de esperança: “É que havia um símbolo de redenção no batismo de luz daquelas terras!”

Espírito arguto e delicada sensibilidade, Ferreira de Castro, o festejado autor lusitano de *A Selva*, em carta de agradecimento ao romancista paraense pela oferta de *Candunga*, penetra fundo nos sentimentos que enobrecem o trabalho: “É um forte abraço de solidariedade dado por si aos humildes que transitam nas suas páginas. Uma grande ternura e toda a obra, indicando a presença do coração do poeta interessado pelo destino dos homens”.

Melhor homenagem não poderia, portanto, prestar a Secretaria de Cultura do Pará ao criador de *Candunga*, no centenário do seu nascimento, do que a reedição de suas principais obras, nelas incluindo um volume dedicado à prosa, injustamente preterida pela excepcional vocação poética do autor.

Bruno de Menezes ou, se preferirem, Bento Bruno de Menezes Costa não é apenas um grande escritor amazônico. É um símbolo genuíno da inteligência paraense.